

Os fotógrafos-vagalumes. Tropa de solidários¹

Denise Assis DULCI²

Mestranda

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

Resumo

De acordo com as diretrizes para a formulação de políticas e estratégias do Relatório Unesco para a alfabetização midiática e informal, a Literacia Midiática é a capacidade de acessar, analisar e avaliar o poder de imagens, sons e mensagens e de se comunicar de forma competente através das mídias disponíveis. No conceito de Literacia está contido também o poder de compreender de que maneira as mídias filtram percepções e crenças, formatam a cultura popular e influenciam as escolhas individuais, habilitando os cidadãos para o pensamento crítico e a resolução criativa de problemas, a fim de que possam ser consumidores sensatos e produtores de informação. Em artigo intitulado “Letramentos e Mídias: sintonizando com corpo, tecnologia e afetos”, publicado na Revista Contracampo, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense, Fátima Regis nos mostra que esses conceitos podem ser ampliados.

Palavras-chave: História do Jornalismo; fotografia; mídia; ditadura

Introdução

Uma boa via para iniciar a discussão de o porquê as abordagens sobre letramentos e mídias precisam expandir seus horizontes e abarcar fatores não- conscientes é um olhar mais atento ao termo multimodal. O termo torna-se mais presente a partir das tecnologias digitais como vimos acima. Os autores que o citam, James P. Gee e *New London College*, explicam o multimodal como “textos que combinam imagens, e/ou sons com palavras”, sendo essa uma característica das mídias em geral, intensificada pelas tecnologias digitais que potencializam remixagens. É preciso observar que o multimodal não está restrito apenas a textos e linguagens (sons, imagens, audiovisuais) ou formas conscientes de comunicação.

Como já demonstrado por pesquisadores do campo da cibercultura, é preciso frisar que no panorama das tecnologias e mídias digitais, *multimodal* é, sobretudo, *multissensorial* (PEREIRA, 2012; REGIS, 2015).

Com a mudança de hábito da sociedade moderna e a incorporação diuturna dos aparelhos de celulares ao cotidiano, como se fossem, na verdade, uma extensão do braço, o mundo chega às pessoas na palma da mão. A incorporação desse aparelho à rotina, levou a que a Comunicação, em suas várias formas, passassem a ser veiculadas por ele, de modo a que de crianças aos adultos, todos tenham entretenimento e notícias por este meio.

¹ Trabalho apresentado no GT História do Jornalismo, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia.

² Mestranda na linha de pesquisa Mídias e Processos Sociais no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PGCOM) da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: deniseassisjor@gmail.com.

Aparatos digitais como celulares, videogames, ipads, consoles de realidade virtual incorporam não apenas o uso de imagens, sons, músicas, mas também habilidades táteis e proprioceptivas. As mídias e tecnologias digitais, portanto, exploram diferentes sentidos sensoriais, tais como auditivo, visual e tátil e outros elementos perceptivos e atencionais de nosso rico *sensorium* corporal que não podem ser explicados somente por fatores conscientes. Com isso, as mídias digitais não apenas multiplicam os signos da mediação, como também acoplam aos processos de letramentos todo o corpo, com seus afetos, intensidades e *moods*. Como esclarece Brian Massumi, esses elementos não apenas são irredutíveis a interpretações linguísticas e/ou semióticas, como podem se opor a elas (MASSUMI, 1995). (2020, *apud Regis, p. 9*)

Todo esse equipamento indispensável nos dias de hoje para o pleno exercício de uma cidadania ativa e para o usufruto dos direitos de liberdade de expressão e informação, são essenciais na construção e manutenção da democracia. Há um ponto, no entanto, que precisa ser destacado nesse cardápio de aptidões. Dentro do princípio das “múltiplas possibilidades”, de que nos fala Regis, um dos aspectos mais valorizados da cultura - sem o qual ela não adensa, não avança e não é transmitida -, é o da memória.

Como fazer cultura sem acúmulo e transferência de experiência? Neste trabalho, o que se procura demonstrar é o quanto é imprescindível, do ponto de vista da Literacia, a reprodução de geração para geração, de conceitos, histórias e registros. Trazer a memória com roupagem moderna para o fazer tecnológico é dar oportunidade à História e a seu conhecimento. Só assim se estabelece termos de comparação, só assim se garante que o futuro conheça o passado e beba em sua fonte, possibilitando a avaliação dos erros e a aposta nos acertos. Há que incluir a memória no “novo” da Literacia, tornando-a acessível e atraente.

Desenvolvimento

Há quem já esteja fazendo isto mundo a fora sem, contudo, emprestar o conceito de “Literacia” ao processo, porque importante é a mensagem (seria isto?) ou porque o foco esteja no objetivo final do que apresentam: a lição de vida e a experiência contida no que expõem. É o caso do “Museu do Holocausto Yad Vashem”, em Jerusalém, onde objetos pessoais, (como sapatos, malas, peças de vestuários) dos mortos nos campos de concentração nazistas, viram peças a serem visitadas e observadas pelos turistas. Impacto. Emoção. Informação. Estas três palavras são resultantes do que a mostra provoca. E nada mais “Literacia” do que este passado exibido ali, quase como peças de arte, uma verdadeira “instalação”, que ensina e provoca perplexidade e reflexão.

Este resultado pode ser aferido no relato de Fernanda Thomas, que se deteve no conteúdo do diário de Zalman Gradowski, um dos deportados para Auchwitz, com sua

família, em 8 de dezembro de 1942. Conforme registros do museu, ele foi morto na revolta de sonderkommando em 7/10/1944. Os nazistas logo exterminavam os membros do sonderkommandos porque eles eram as únicas testemunhas oculares do genocídio. Antes, porém, ele deixou o registro onde dizia que tinha esperanças de que suas anotações fossem encontradas. E foram.

Venha a mim cidadão do mundo livre, tu que tivesse a sorte de não seres expostos ao regime cruel destas bestas que andam sobre dois pés. E eu te contarei sobre os métodos sádicos e astutos usados para aniquilar milhões de pessoas do indefeso povo judeu abandonados ao seu destino sem abrigo. Levanta-te e acorda, não esperes que a tempestade passe porque ficará tão estupefato que não crerás em teus próprios olhos e quem sabe se os que hoje podem dar testemunho vivo ainda podem contar toda a verdade quem sabe se até lá eles terão desaparecido. GRADOWSKI, 1944 – diário pessoal).

Em seu relato de viagem, Fernanda Thomas descreve: “Outras coisas que me deixaram de fato “estupefata” e sem que eu pudesse acreditar no que os meus olhos estavam vendo –, bem como disse que seria, o membro do sonderkommando – foram as fotos históricas e reais que comprovam o holocausto”.

Dá para imaginar o que é estar diante de um registro tão forte, em que a brutalidade do ser humano salta da imagem observada. “Tive a oportunidade de ver de perto o álbum mais importante do Museu do Holocausto, que contém 198 fotos mostrando um pouco da saga dos judeus até os centros de concentração e extermínio”, prossegue, deixando à mostra a emoção do seu encontro com as fotografias.

Existem três fotos que têm destaque especial no acervo do Yad Vashem porque são os únicos documentos que comprovam em imagens verídicas o terror do genocídio nazista. Quase desmaiei quando li a inscrição abaixo das fotos: “Estas três fotografias tiradas em Birkenau, são as únicas que documentam o assassinato de vítimas e a cremação dos corpos”. (<https://vivaisrael.com.br/israel-recebe-mais-de-40-lideres-mundiais-em-forum-do-holocausto-no-yad-vashem-em-jerusalem-2/> em 27/01/2020)

As observações de Thomas, sobre as fotografias, têm algo em comum sobre o que delas nos conta Walter Benjamin:

A margem histórica das imagens não indica apenas que elas pertencem a uma determinada época; indica, sobretudo, que elas não adquirem legibilidade (*Lesbarkeit*) senão numa determinada época (...) A imagem que se lê – refiro-me à imagem no Agora da cognoscibilidade – exibe de modo extremo a marca do momento crítico, perigoso que está na base de toda leitura”. (W. BENJAMIN, Paris, p. 479-480)

Com o propósito de contribuir para a inclusão da memória no “novo” da Literacia, conforme dito acima, fez-se importante trazer de volta uma série de fotos que a censura do período da ditadura civil-militar - 1964/1985 - nos subtraiu. A apresentação sob o formato de

uma “exposição virtual”, tem o fito de legar conhecimento. “Pois qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não o vincula a nós?”

O questionamento é do filósofo Walter Benjamin, mas bem poderia estar no pensamento de cada um dos fotógrafos que atuaram no período da ditadura, nos diversos jornais em circulação na época.

A citação aqui contida está no livro “Magia e Técnica, arte e política – Ensaio sobre a literatura e história da cultura – Obras escolhidas, Volume 1”, de Walter Benjamin, e é motivação mais que pertinente, para um “revival” da exposição: “**AI(s) Nunca Mais – Imagens que o Brasil não viu ou esqueceu**”, levada ao público no ano de 2008, para marcar a passagem dos 40 anos da decretação do Ato Institucional nº 5, o AI-5.

A montagem se deu no Centro Cultural da Caixa Econômica Federal - Centro do Rio –, sob a minha curadoria e atraiu, em um mês, entre final de novembro e início de janeiro, três mil visitantes e uma grande cobertura de mídia. O resultado nos mostra o interesse que o passado desperta e o quanto os fatos históricos não podem e não devem ser esquecidos, como nos aponta Benjamin.

As cerca de 120 fotos (*que aqui não serão todas exibidas, por questão de espaço*) foram esquecidas até 2008, nas gavetas dos arquivos, como se condenadas à clandestinidade. Tal como os “anistiados”, que em 1979 (pela Lei 6.683, de 28 de agosto daquele ano) puderam, enfim, retornar ao país, as fotos censuradas ganharam as paredes durante a exposição e puderam cumprir o papel de informar. Tardamente, mas não com menos impacto, porque virgem dos olhares, condenadas que foram à escuridão das gavetas, proibidas, mas com conteúdo contundente daquilo que não foi dado ao público saber: houve um período de terror e medo no país.

Audaciosos os repórteres fotográficos em atividade na ditadura se lançavam à cena principal dos acontecimentos, como se levassem na mente, o tempo todo, a pergunta de Benjamin. Tinham consciência de que eram as testemunhas, os olhos dos que não viam, a presença dos impedidos, a liberdade dos censurados?

Tal como nos aponta o autor, quando nos diz: “São solidários os homens que fizeram do novo uma coisa essencialmente sua, com lucidez e capacidade de renúncia”. A esta altura, convém reproduzir aqui um conceito do filósofo e historiador da arte, Georges Didi-Huberman, que em seu livro “Sobrevivência dos Vagalumes”, lembra o filósofo quando este considera a foto um relâmpago de história.

“A fotografia se mostra capaz de operar no plano do “estilo”, da “liberdade” e, (...) da “intermitência”. Esse motivo da intermitência parece inicialmente surpreendente (mas somente se considerarmos uma fotografia como um objeto e não como um ato). De fato, ele é fundamental. Como não pensar, nesse sentido, no caráter intermitente (*sacadé*) de imagem dialética, de acordo com Walter Benjamin, essa noção precisamente destinada a compreender de que maneira *os tempos tornam visíveis*, assim como a própria história nos aparece em um relâmpago passageiro que convém chamar de “imagem”? (- DIDI- Huberman, p. 46)

Considerações finais

Foi como agiram os autores das fotos que, por exemplo, congelaram o braço erguido com uma arma que apontava para a cabeça do estudante indefeso, mesmo sabendo que ela não seria publicada. O passado paralisado num raio, apesar de guardado na gaveta, agora pode ser revisitado. Neste ponto, estamos falando em perenidade da imagem, tratada também por Georges Didi- Huberman:

A imagem se caracteriza por sua intermitência, sua fragilidade, seu intervalo de aparições, de desaparecimentos, de reaparições e de redesaparecimentos incessantes. É, então, uma coisa bem diferente pensar a saída messiânica como imagem (diante da qual não se poderá durante muito tempo mais acalentar ilusões, uma vez que ela desaparecerá logo) ou como horizonte (que apela para uma crença unilateral, orientada, apoiada no pensamento de um além permanente, na espera de seu futuro sempre). A imagem é pouca coisa: resto ou fissura (*fêlure*). Um acidente do tempo que a torna momentaneamente visível ou legível. (HUBERMAN, 2011, editora UFMG, p.86-87)

Aqueles fotógrafos abriram mão do resultado imediato dos seus trabalhos, com a certeza de que o que estavam registrando não era para o momento. Seria para o futuro. Cada “clique” era como uma certidão, um recibo de que um dia houve, sim, a violência do Estado, que punha nas ruas suas tropas contra jovens idealistas, trabalhadores, o cidadão comum que queria apenas a liberdade de ir e vir.

Solidários, os fotógrafos “fizeram do novo uma coisa essencialmente sua, com lucidez e capacidade de renúncia”, como observou Benjamin. Reexibir essas fotografias, por mais chocantes que possam parecer, tem o fito de responder à pergunta inicial: “Pois qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não o vincula a nós? Sim, a violência da ditadura também, e mais do que nunca, “somos nós”. E precisa frequentar o novo, para fazer-se presente. Para fazer-se “Literacia”.

Imagem 1: Exposição AI(s) Nunca Mais - Imagens que o Brasil não viu ou esqueceu



JB 1069. Foto: Antônio Teixeira Acervo CPDoc – JB. Em 13 de dezembro de 1968: Palácio Laranjeiras. Anúncio: Ato Institucional nº 5.

Imagem 2: Imagens do folder produzido para a exposição, no Centro Cultural Caixa Econômica Federal – Av. Rio Branco, Centro – Rio de Janeiro



(O texto abaixo abriu a exposição que homenageou os fotógrafos que atuaram na ditadura)

Três dias depois do 20º aniversário da **Declaração Universal dos Direitos do Homem**, completado no dia 10 de dezembro de 1968, o regime militar que há quatro anos havia se instalado no poder editou o **Ato Institucional nº 5**, no dia 13 daquele mês.

O texto aniquilava todos os preceitos de liberdade estabelecidos pelas Nações Unidas e dizimava os direitos individuais dos cidadãos brasileiros. Daquele dia em diante a sociedade estava impedida de ir e vir, pensar, criar e expressar-se. Os versos de Caetano Veloso, “É proibido proibir”, gritados no III Festival Internacional da Canção em 15 de setembro daquele ano, caíram no vazio. Enquanto o cantor dizia não ao não – num alerta desesperado do que estava por vir – os militares diziam não a tudo. O ano de 1968 terminou mais cedo. Por decreto.

Sob o argumento de que era “*imperiosa a adoção de medidas*” para impedir que fossem “*frustrados os ideais superiores da Revolução*”, o ano acabou naquele 13 de dezembro, por decisão do regime militar, com a edição do Ato Institucional Número 5.

O mais drástico de todos os Atos Institucionais, foi editado no governo do general Artur da Costa e Silva no dia 13 de dezembro de 1968 – uma sexta-feira. O AI-5 representou o recrudescimento do regime militar. Incluiu a proibição de manifestações de natureza política, além de vetar o “habeas corpus” para crimes contra a Segurança Nacional (ou seja, crimes políticos).

Autorizou o presidente da República a decretar o recesso do Congresso Nacional e de outros órgãos legislativos independente de qualquer apreciação judicial; a intervir nos estados e municípios sem as limitações previstas na Constituição; a cassar mandatos eletivos, suspender por dez anos os direitos políticos de qualquer cidadão e decretar o “confisco de bens”.

Ainda no dia 13 de dezembro, o Ato Complementar-38 decretou o recesso do Congresso Nacional por tempo indeterminado. Logo após a edição do AI-5 foram presos diversos jornalistas e políticos que haviam manifestado oposição ao governo, dentro ou fora do Congresso. Entre eles incluíam-se o ex-presidente Juscelino Kubitschek, o ex-governador Carlos Lacerda e vários deputados federais e estaduais.

O país foi mergulhado no recrudescimento do autoritarismo, sob o peso da cassação das liberdades democráticas. O AI-5 asfixiou o Brasil, até que morreu à míngua, numa agonia negociada e lenta.

A democracia foi conquistada nas ruas, lentamente, e construída pela sociedade brasileira, que conseguiu, por fim, o fortalecimento de suas instituições.

Este Ato vigorou até 31 de dezembro de 1978, subtraindo imagens que não podemos esquecer. Durante os 10 anos da sua vigência, os meios de comunicação em geral e as diversas formas de expressão cultural permaneceram sob censura. Mesmo com as limitações impostas pela ditadura, os profissionais de mídia não deixaram de executar o seu trabalho.

Grande parte do resultado desse esforço, no entanto, permaneceu guardado e intocado. De posse da arma que lhes cabia – a máquina fotográfica – os repórteres de imagem dos vários veículos foram à luta registrando tudo à volta, mesmo sabendo que grande parte desse trabalho iria para as gavetas dos arquivos das redações.

Hoje, essas fotos merecem ser exibidas. Para celebrar o que conquistamos. Para não esquecer. Para não repetir. A esses “guerrilheiros”, a nossa homenagem.

Imagem 3: Exposição AI(s) Nunca Mais - Imagens que o Brasil não viu ou esqueceu



Os ministros Jarbas Passarinho e Delfim Neto, deixam o Palácio Laranjeiras depois de assinar o Ato Institucional nº 5

Imagem 4: Exposição AI(s) Nunca Mais - Imagens que o Brasil não viu ou esqueceu

Edson Luís O primeiro tiro



*Foto 250855.jpg - Ronaldo Theobald Acervo CPDoc - JB
Em 30 de março de 1968 Enterro do estudante Edson Luís.*

Imagem 5: Exposição AI(s) Nunca Mais - Imagens que o Brasil não viu ou esqueceu

AI(s) Nunca Mais – Conceção



*Foto JB130.jpg - Orlando Alli Acervo CPDoc – JB
Em 29 de março de 1968*

Os acervos pesquisados para esta exposição (*apresentada aqui, nesta versão, de forma resumida*) foram os do **Jornal do Brasil**, do **O Globo** e do **Correio da Manhã**. O que se pretende mostrar é de que maneira desde a assinatura do **AI-5**, o país caminhou para o enfrentamento político.

Optamos por manter os cortes, as marcações e as anotações que porventura essas fotos tenham sofrido ao serem manuseadas. Entendemos que isso traria para a atualidade um pouco da história do trabalho de edição da época e a intenção das escolhas, evidenciando as dificuldades que os profissionais da mídia acabaram incorporando ao seu dia a dia, a partir das limitações impostas pela censura.

As legendas originais foram mantidas, pois carregam em si a linguagem truculenta e unilateral repassada do “regime militar” para as redações. Essas legendas, em sua maioria, já vinham prontas dos órgãos de repressão. Eram deles as informações sobre prisões, estouro de cativeros e condenações.

Em algumas, escolhemos intervir com informações atuais. Noutras não. Foram mantidas como na época. Dessa forma, pessoas que hoje têm destaque na sociedade ou simplesmente tocam suas vidas como cidadãos comuns podem aparecer nelas “designadas” com adjetivos ou substantivos como: “perigoso”, “criminoso”, “terrorista”. Para nós, são personagens históricos, que trafegaram pelas prisões, porões e páginas policiais, num dos períodos mais difíceis de nossas vidas.

“Porra-loucas”? Ingênuos? Idealistas? Hoje se pode dar a cada um a devida dimensão. Para esses que resistiram e buscaram um país melhor, o nosso muito obrigada. Eles lutaram a seu modo pela causa da liberdade. Muitos foram para o exílio, outros, como cantou Gilberto Gil, “para nunca mais”. Houve quem ficasse aqui, sob a asfixia do medo, sob pseudônimos e sob a clandestinidade. Todos, porém, fizeram história.

Link para a exposição virtual: <https://aisnuncamais.wixsite.com/exposicao>

Edição da exposição: Hugo Magalhães Queiroz – mestrando do PPGCOM na UFJF

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. A Câmara Clara - Nota sobre a fotografia 9. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.

BENJAMIN, Walter. Aviso de Incêndio: uma leitura das teses /Michael Löwy: tradução de Wanda Caldeira Brant [tradução das teses] Jeanne Marie Gagnebin, Marcos Lutz Müller – São Paulo: Boitempo, 2005.

_____. Magia e Técnica, arte e política – Ensaio sobre a literatura e história da cultura – Obras escolhidas, Volume 1”, Serie Obras Escolhidas: Rio de Janeiro, Brasiliense, 2012.

CARDOSO, L. Criacoes da memória: defensores e criticos da Ditadura (1964-1985). Cruz das Almas: Editora da UFRB, 2012.

DIDI-Huberman, Georges. Sobrevivência dos Vagalumes; Vera Casa Nova, Marcia Arbex, tradução; Belo Horizonte: editora UFMG, 2011

_____. Imagens Apesar de tudo, editora KKYM, 2012.

REGIS, Fátima. Letramentos e mídias: sintonizando com corpo, tecnologia e afetos. *Contracampo*, Niterói, v. 39, n. 2, p. 147-163, ago./nov. 2020.